

ORIENTAÇÕES

PEDAGÓGICAS

2024

ARTE



SEMED





**PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO GRANDE
ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO**

ADRIANE BARBOSA NOGUEIRA LOPES
Prefeita Municipal

LUCAS HENRIQUE BITENCOURT DE SOUZA
Secretário Municipal de Educação

ANA CRISTINA CANTERO DORSA LIMA
Superintendente de Políticas Educacionais

ANA MARIA RIBAS
Chefe da Divisão do Ensino Fundamental e Médio

**EQUIPE TÉCNICA DE ARTE DA
DIVISÃO DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO (DEFEM)**

Ana Lúcia Serrou
Caio Cezar Braga Bressan
Douglas de Oliveira Caetano
Fernando Freitas dos Santos

ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS DE ARTE - 1º AO 9º ANO

O Componente Curricular Arte encontra-se embasado e fundamentado no Referencial Curricular da Reme (Campo Grande, MS). Sua estrutura se constitui de documentos específicos para as etapas da Educação Infantil e do Ensino Fundamental (anos iniciais e anos finais), com seus respectivos organizadores curriculares, os quais correspondem à estrutura dos conhecimentos que respaldam o trabalho pedagógico.

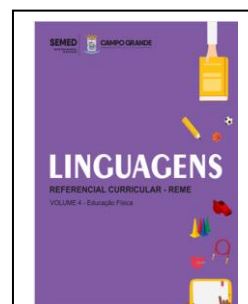
Neste sentido, o ensino e aprendizagem de Arte possibilita ao estudante desenvolver-se de forma integral, considerando os aspectos cognitivos, afetivos, sociais, éticos e estéticos. Desse modo, o componente curricular Arte é organizado em quatro linguagens: artes visuais, dança, música e teatro.

Cada uma dessas linguagens são campos de conhecimentos específicos, que possuem abordagens pedagógicas específicas, códigos e técnicas próprias, sendo assim, é imprescindível que a formação acadêmica do docente seja específica em uma das linguagens artísticas: Artes Visuais, Dança, Teatro ou Música (ou demais nomenclaturas correspondentes, em substituição à antiga formação polivalente em Educação Artística).

Portanto, o docente formado em uma das áreas não trabalhará de modo polivalente com as quatro linguagens, sendo esses, princípios éticos e teóricos da formação em Arte, fundamentados pela regulamentação dos cursos de licenciaturas no Brasil.

Assim, fixa-se que a formação do docente de Arte (Dança, Teatro, Artes Visuais e Música) insere-se em um campo, onde cada linguagem, parte em sua formação inicial (licenciatura), de sua base epistemológica específica.

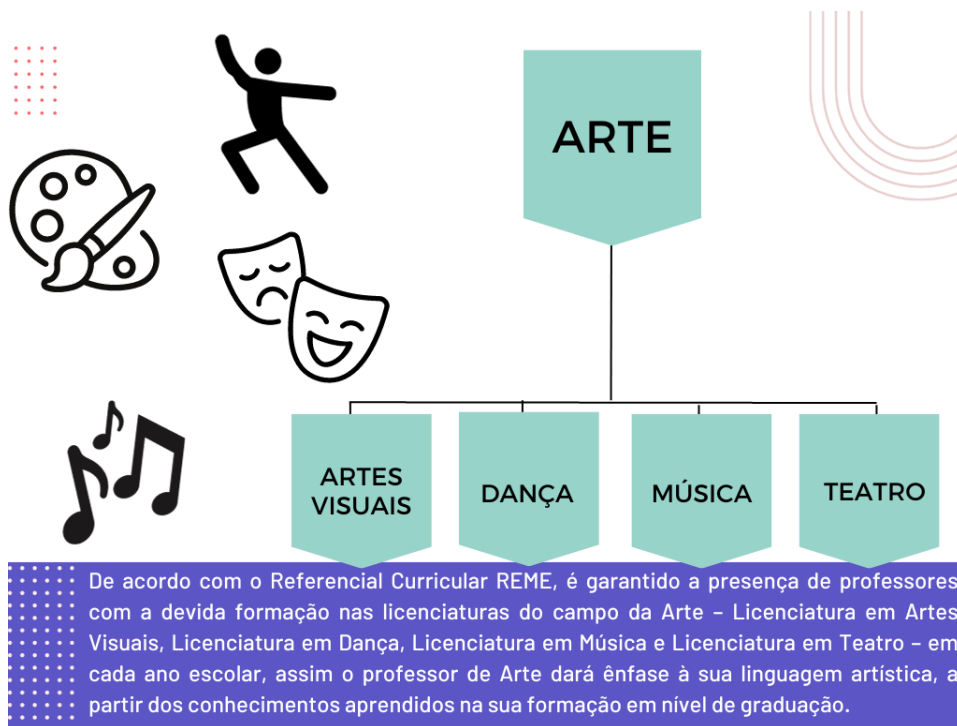
Logo, por meio da Arte o estudante tem possibilidades de desenvolver sua poética pessoal, ação investigativa que o leva à reflexão, à análise crítica, a experimentações, à imaginação e a criar soluções (inclusive tecnológicas). Além disso, também instiga a curiosidade, a pesquisa, a experimentação, o desenvolvimento do pensamento artístico, a criatividade, a percepção, dentre outros, possibilitando, assim, a humanização dos sentidos.



Acesse o
Referencial
Curricular em:



[https://11nq.com/
NrorX:](https://11nq.com/NrorX)



Fonte: DEFEM. 2024.

Nesse entendimento, mesmo que uma determinada unidade escolar conte com a presença de mais de uma linguagem, o processo de aprendizagem em Arte do estudante não será prejudicado, visto que, independentemente da etapa de escolarização, as seis dimensões do conhecimento devem se articular: criação, crítica, estesia, expressão, fruição e reflexão.



Fonte: DEFEM. 2024.

Considerando os aspectos do processo de ensino e aprendizagem, a equipe pedagógica deve se atentar que as quatro linguagens possuem conteúdos próprios, saberes e processos específicos de aprendizagem, portanto, todas são consideradas importantes, sem níveis de hierarquia entre elas e nem a sua utilização como uma ferramenta pedagógica das demais áreas de conhecimento. As linguagens artísticas do componente curricular são:

- **Artes Visuais** - A linguagem das Artes Visuais presente no Referencial Curricular da REME visa fomentar uma reflexão sobre a interação entre a arte e a sociedade, destacando a visualidade em sintonia com os valores culturais e estéticos historicamente construídos pela produção artística. O processo de ensino e de aprendizagem em Artes Visuais visa facilitar o acesso, a apropriação e a objetivação do conhecimento, entendendo as expressões artísticas individuais como parte integrante das práticas sociais. Isso se alinha ao objetivo de formar estudantes que sejam não apenas conhecedores, mas fruidores de arte. As Artes Visuais devem ser abordadas em consonância com a contemporaneidade, promovendo a inter-relação entre teoria e prática artístico-estética, entre o fazer e o conhecer, e reconhecendo a Arte como uma ciência na construção e produção do conhecimento.

- **Dança** - Ao pensarmos a Dança na educação básica, é fundamental buscarmos o entendimento dessa linguagem como área específica de conhecimento. Desse modo, é incoerente prender-se à ideia de que a dança (dentro e fora da escola) consiste na reprodução de passos sistematizados, aprendizagem de uma determinada técnica ou pensada somente enquanto coreografias a serem apresentadas em datas comemorativas. É primordial o entendimento de que o campo da Dança na área da Arte, enquanto especificidade no contexto escolar, propõe a formação de sujeitos sensíveis a essa linguagem artística. É preciso despertar nos estudantes o olhar para a linguagem própria do corpo e para a sua linguagem que é própria. Portanto, a dança se insere enquanto manifestações de ideias, pensamentos e costumes de um povo, codificados em seus corpos, a fim de expressar diversas questões que são do humano.

- **Música** - A linguagem musical é percebida, aqui, como um grupo de conhecimentos ligados à organização, à articulação, ao registro e à produção dos sons. As formas de expressão musical são produzidas socialmente, e todas as obras musicais estão inclusas em um determinado tempo e espaço cultural. O estudo de arte (nesse caso, a música) abrange três momentos: a apreciação, a imitação (reprodução) e a (re)criação. A imitação contribui para o desenvolvimento/aprimoramento da inteligência e das criações humanas, é decorrente da necessidade de exercícios de

repetição e fixação, mas não como um fim em si. Contudo, se a imitação centrar somente na cópia de modelos estereotipados, perderá seu sentido e eliminará a possibilidade de um olhar crítico, tornando-se apenas contemplação passiva. Pelo contrário, é preciso variações, interpretação/reinterpretação/criação, para que não se torne um ato impessoal e mecânico, e leve ao esclarecimento e à emancipação.


- **Teatro** - A linguagem do Teatro, no ensino fundamental, segundo a Base Nacional Comum Curricular, na área de Arte, insere-se na articulação dos fenômenos artísticos e envolve diversas práticas: criar, ler, produzir, construir e refletir sobre as mais diversas formas, agregando questões que perpassam a sensibilidade, intuição, pensamento, emoções, enquanto formas de expressão para o processo de aprendizagem em arte. A perspectiva do Teatro na educação se integra ao pensamento da formação de sujeitos sensíveis ao constituir o corpo enquanto locus para criação, é campo fundamental para entendimento da área em seus diversos aspectos: ético, estético e político. Não divergente dos outros campos específicos (linguagens) da Arte na educação básica, a concretude da necessidade do Teatro na educação vai além de somente conhecer a sua história e a perspectiva por teóricos. Todavia, é fundamental ampliar as possibilidades de conhecer os preceitos, caminhos, pressupostos, bases e o aprender pela prática enquanto pesquisa.

ARTES VISUAIS	O ensino e aprendizagem das Artes Visuais pressupõem a integração entre arte e sociedade, visando promover o entendimento das manifestações artísticas com foco no acesso, na apropriação e na construção sistematizada do conhecimento de maneira histórico-crítica, em diálogo com o contexto dos estudantes.
DANÇA	A dança se constitui como prática artística pelo pensamento e sentimento do corpo, mediante a articulação dos processos cognitivos e das experiências sensíveis implicadas no movimento dançado. Os processos de investigação e produção artística da dança centram-se naquilo que ocorre no e pelo corpo, discutindo e significando relações entre corporeidade e produção estética.
MÚSICA	A música é uma forma de representar o mundo, de relacionar-se com ele, para compreender a diversidade musical existente, que de certa forma interfere na vida social e cultural do sujeito. A música, então, além de representar o mundo e relacionar-se com ele, é uma forma de fazer compreender a imensa diversidade musical existente, que de uma forma direta ou indireta interfere na vida da humanidade.
TEATRO	A linguagem Teatral exige condições específicas de formação, como conhecer bases epistemológicas, pedagogias diversas e repensar o papel do aluno nas múltiplas perspectivas em sala de aula, protagonista nos processos de ensino e aprendizagem na área. Portanto, o campo Teatro, busca a valorização, ampliação de repertório e possibilidades metodológicas distintas, em consonância com o contexto histórico-cultural dos estudantes.

ORGANIZAÇÃO DOS CONHECIMENTOS DO CURRÍCULO NO PLANEJAMENTO DE ARTE

De acordo com o Referencial de Arte de Campo Grande - MS, as orientações curriculares deste documento estão estruturadas por linguagem, sendo elas: Artes visuais, Dança, Música e Teatro. Nesse sentido, para garantir as aprendizagens essenciais de Arte, o docente desenvolverá seu planejamento a partir da sua área de formação.

O componente curricular Arte promove o desenvolvimento de suas respectivas competências específicas, por meio dos conhecimentos e especificidades (conceitos e procedimentos) e habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais) dentro de cada uma das linguagens artísticas:



COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE ARTE PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

1. Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.
2. Compreender as relações entre as linguagens da Arte e suas práticas integradas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação, pelo cinema e pelo audiovisual, nas condições particulares de produção, na prática de cada linguagem e nas suas articulações.
3. Pesquisar e conhecer distintas matrizes estéticas e culturais – especialmente aquelas manifestas na arte e nas culturas que constituem a identidade brasileira –, sua tradição e manifestações contemporâneas, reelaborando-as nas criações em Arte.
4. Experienciar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, ressignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte.
5. Mobilizar recursos tecnológicos como formas de registro, pesquisa e criação artística.
6. Estabelecer relações entre arte, mídia, mercado e consumo, compreendendo, de forma crítica e problematizadora, modos de produção e de circulação da arte na sociedade.
7. Problematizar questões políticas, sociais, econômicas, científicas, tecnológicas e culturais, por meio de exercícios, produções, intervenções e apresentações artísticas.
8. Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.
9. Analisar e valorizar o patrimônio artístico nacional e internacional, material e imaterial, com suas histórias e diferentes visões de mundo.

Ao realizar o plano de aula o docente precisa contemplar os conhecimentos e especificidades da sua linguagem de formação por meio dos objetos de conhecimento e das habilidades assegurando as dimensões e as competências em Arte.



Fonte: DEFEM. 2024.

Os próximos parágrafos discorrem acerca de cada um destes termos a fim de auxiliar a compreensão do docente na elaboração de seu plano de aula.

Conhecimentos e Especificidades da Linguagem: Nesse campo, foram eleitos conhecimentos próprios das linguagens e outros que por vezes as atravessam consideravelmente. A proposta dos conhecimentos e especificidades da linguagem é apontar uma orientação de trabalho ao docente, propondo-se a conduzir de forma progressiva o desenvolvimento dos conhecimentos e das habilidades propostas no currículo. Esse campo deve ser articulado aos objetos de conhecimento e habilidades, de forma a auxiliar no desenvolvimento do currículo em sua prática.

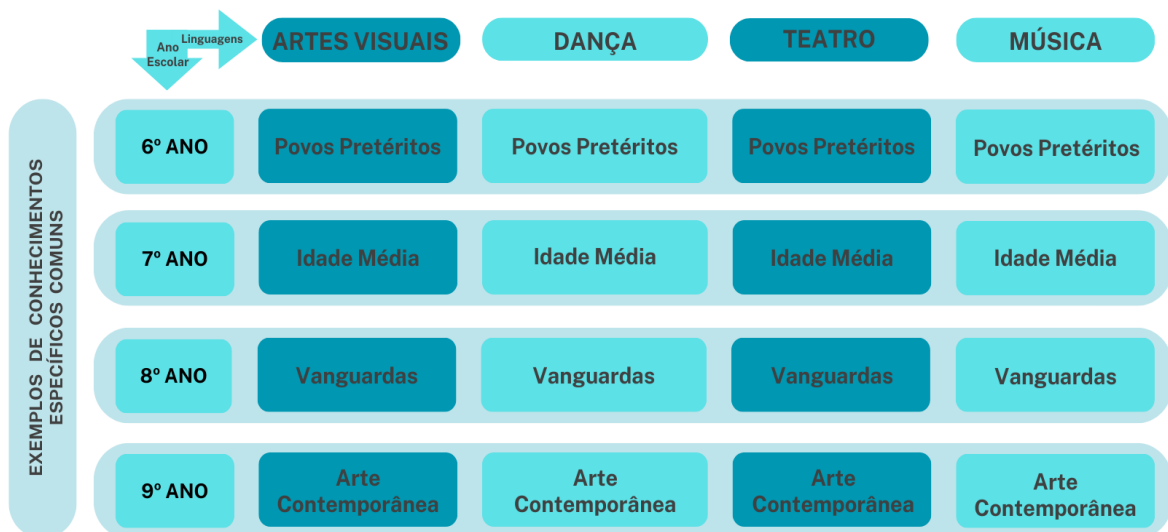
No Referencial Curricular, os conhecimentos e especificidades das linguagens (Artes Visuais, Dança, Música e Teatro) convergem em seus aspectos artísticos e histórico-cultural, com a finalidade de criar uma unidade no currículo independente da linguagem formação do docente, evitando assim que a mudança de professores traga prejuízos ao aluno, mesmo que os docentes tenham formações distintas, e que isso ocorra durante ou ao final do ano letivo. A seguir foram elencados **alguns exemplos**, porém, para a prática diária em sala de aula, é importante recorrer ao referencial curricular.

ANOS INICIAIS



Fonte: DEFEM. 2024.

ANOS FINAIS



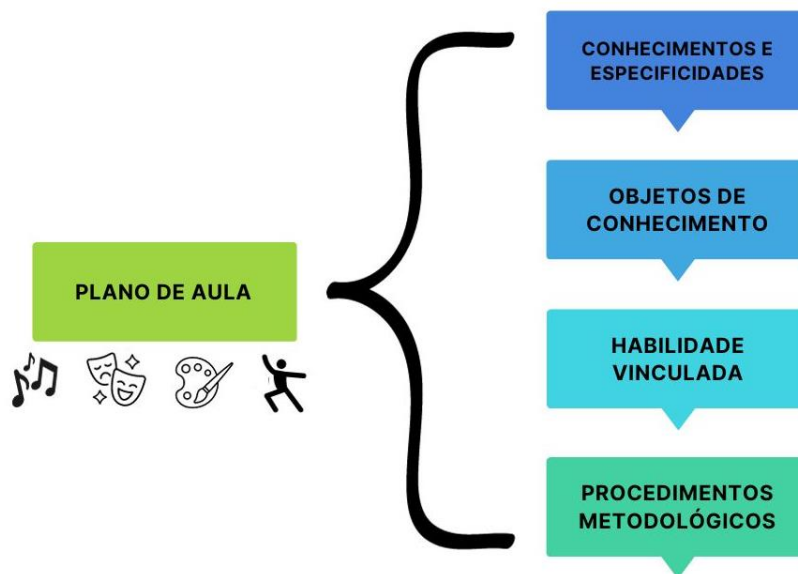
Fonte: DEFEM. 2024.

Objetos de Conhecimento: Os objetos de conhecimento correspondem aos conteúdos, conceitos e processos abordados nas habilidades das linguagens, podendo ser entendidos como grandes campos do conhecimento da arte, que podem ser comuns ou específicos de cada uma das linguagens, estando diretamente relacionados às habilidades, indicando os processos cognitivos envolvidos. A unidade temática artes integradas proposta pela BNCC é contemplada

na íntegra nesse campo, com todos os seus objetos de conhecimento e habilidades específicas sendo utilizadas.

Habilidades: As habilidades contemplam instrumentos e alguns conhecimentos específicos da arte, sendo específicas de cada uma das linguagens. São as habilidades que garantem os processos que devem ser desenvolvidos, apreendidos e experienciados pelos estudantes durante o desenvolvimento dos conhecimentos do currículo escolar de Arte. As habilidades são diferentes para cada linguagem e para cada uma das etapas do ensino fundamental (anos iniciais e anos finais). Nos anos iniciais, são organizadas de modo diferente em cada um dos anos escolares desta etapa, sugerindo a progressão dos conhecimentos em arte. Nos anos finais, todas as habilidades são citadas nas tabelas de referência de cada ano desse ciclo, cabendo ao docente utilizá-las de acordo com os conhecimentos a serem desenvolvidos durante o planejamento.

Recomendações: A ideia desse campo é indicar e explicitar, dentro do processo de ensino e aprendizagem, um possível caminho de desenvolvimento do planejamento do docente, a partir da articulação dos conhecimentos e especificidades da linguagem, com os objetos de conhecimento e as habilidades, sugerindo formas de desenvolver os campos das tabelas referenciais de forma articulada e explicitando a intenção dos conhecimentos e especificidades da linguagem eleitos para o ano escolar em questão. Desse modo, o docente deverá pautar a organização didática do seu trabalho, a partir da articulação de todos esses campos durante o ano escolar em que estiver atuando.



Fonte: DEFEM. 2024.

Todas as informações necessárias para a confecção de um plano de aula pertinente ao ensino de Arte estão dispostas no Referencial Curricular da Reme. No documento também constam recomendações das possíveis relações das habilidades e abordagens metodológicas com os conhecimentos e especificidades da linguagem.

Para o plano de aula, também é necessário que o docente descreva seus procedimentos metodológicos. Estes são basicamente um detalhamento das estratégias didáticas (previstas no plano anual) planejadas pelos docentes, e articuladas às necessidades da turma e dos estudantes. A escolha destes procedimentos deve estar vinculada aos saberes e às habilidades a serem consolidadas, em consonância com o Referencial Curricular da Reme e com o Projeto Político-Pedagógico (PPP) da unidade escolar.

OS PROCESSOS E CAMINHOS AVALIATIVOS EM ARTE.

A avaliação das aprendizagens em Arte nos anos iniciais e anos finais do ensino fundamental desempenha um papel crucial no desenvolvimento dos conhecimentos dos estudantes. O docente de Arte, como agente das aprendizagens e experiências, deve conceber a avaliação como uma ferramenta dinâmica para a organização e reorganização do trabalho de forma contínua.

A avaliação constitui uma parte importante do processo de ensino e aprendizagem a fim de garantir os conhecimentos já adquiridos pelos estudantes, ampliar outros e retificar alguns equívocos que surgem ao longo do processo. Portanto, é fundamental que os procedimentos e instrumentos avaliativos adotados sejam processuais, formativos e contínuos, evitando abordagens estanques e descontextualizadas que se limitem à mera mensuração de produtos finalizados.

Tanto nos anos iniciais, quanto nos anos finais, a avaliação processual vai além das dicotomias bom x ruim, abaixo da média x acima da média, estabelecendo uma reorientação para todo e qualquer processo de ensino e aprendizagem na área de arte.



SEMED | PROECG

PLANO DE ENSINO ANUAL

ARTE - MÚSICA

ENSINO FUNDAMENTAL

2022

Acesse o plano anual de ensino de todas as linguagens em :

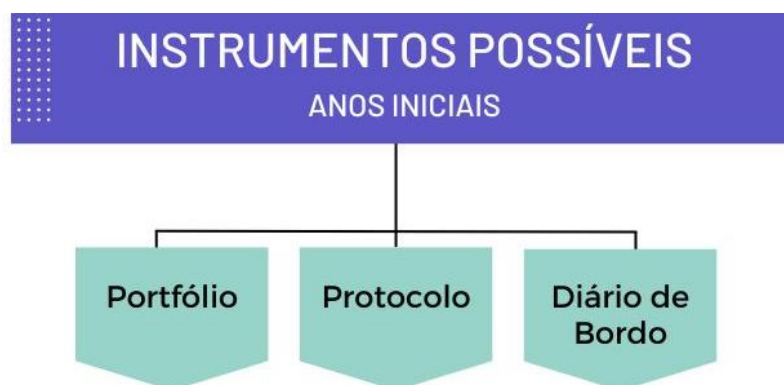


<https://acesse.dev/GGKa1>

- **Nos anos iniciais**, a escolha de instrumentos avaliativos não deve restringir-se a um único instrumento ao final de um período (avaliação escrita, produto artístico etc.).

O FATO DA REME EM ARTE NÃO ADOPTAR NOS ANOS INICIAIS A AVALIAÇÃO SOMATIVA (NOTAS), NÃO EXCLUI A NECESSIDADE E IMPORTÂNCIA DE SEREM ESTABELECIDOS INSTRUMENTOS E PROCESSOS AVALIATIVOS NOS ANOS INICIAIS.

Logo, é fundamental que o docente estabeleça instrumentos, que possibilitem tornar visível o processo de aprendizagem artística dos estudantes, sempre evidenciando o protagonismo no desenvolvimento de seus conhecimentos. Alguns instrumentos possíveis são:

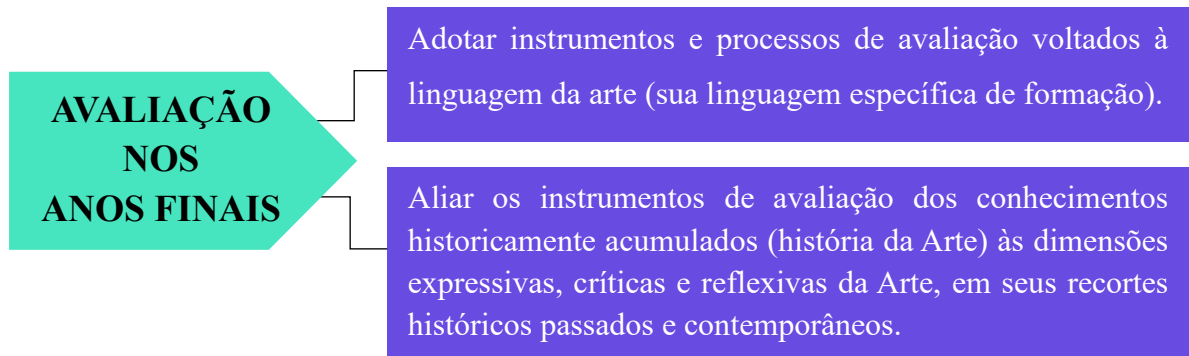


Fonte: DEFEM. 2024.

Dentro dessa perspectiva, é dispensável avaliação com a intenção de “mostrar” se o estudante “sabe” ou “não sabe”, se está “apto” ou “não apto”, “imaturo” ou “maduro” ou qualquer ideia ligada à classificação, à promoção, à seleção e também a ideia de registros escritos que não evidenciem o desenvolvimento dos estudantes em Arte.

- **Nos anos finais**, a escolha de instrumentos avaliativos não deve restringir-se a um único instrumento entregue ao final um período (avaliação escrita, produto artístico etc.). Em vez disso, o docente, alinhado com os princípios do projeto político-pedagógico e da proposta curricular, deve estabelecer instrumentos diversos com critérios claros, que dialoguem com os processos de aprendizagem dos estudantes e da linguagem. Nesse contexto, os procedimentos e instrumentos avaliativos devem possibilitar a observação do desenvolvimento tanto dos conhecimentos historicamente acumulados, quanto das dimensões criativas e expressivas dos

estudantes, além de evidenciar se as habilidades trabalhadas foram atingidas. Logo o docente deve atentar-se em:



Assim, o docente de Arte nos anos finais não deve pautar seu processo avaliativo exclusivamente no modelo “prova objetiva com 10 questões”, mas sim, compor as notas bimestrais e mensais, também com avaliações que orbitem os processos expressivos e criativos de sua linguagem.

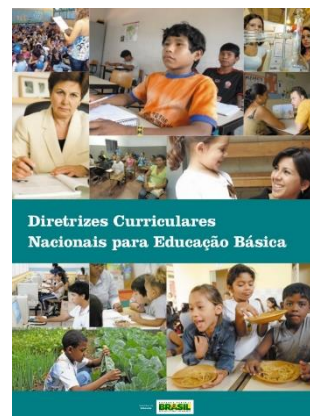
Nesse entendimento, tanto o docente quanto o estudante são convocados a se reverem dentro do processo educativo/artístico, enquanto viés pedagógico que deve estar em evidência, não somente pela via do fazer arte, mas também pela via do refletir sobre todo e qualquer processo proposto no espaço escolar e no componente de Arte, indo além de questões objetivas muito presentes nos anos finais do ensino fundamental, que correspondem a mensurações limitadas acerca dos processos de ensino e aprendizagem em arte.

O PROFESSOR DESEMPENHA UM PAPEL CENTRAL NA INTERLOCUÇÃO DESSE PROCESSO, ORGANIZANDO OS REGISTROS, PROCESSOS E AVALIAÇÕES, DE FORMA A EVIDENCIAR TANTO O DESENVOLVIMENTO OBJETIVO QUANTO SUBJETIVO DOS ALUNOS.

Nessa perspectiva, o docente pode se utilizar diversos instrumentos e procedimentos de registro para observação e mensuração dos processos artísticos, como pautas de observação, produções visuais, fotografias, vídeos, áudios, transcrição de falas, diários individuais e de turma, projetos elaborados pelos estudantes, planejamentos e registros diversos.

A TRANSIÇÃO DOS ANOS INICIAIS PARA OS ANOS FINAIS

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (2013) chamam a atenção para a transição entre as etapas da educação básica e suas fases, requerendo “formas de articulação das dimensões orgânica e sequencial que assegurem aos educandos, sem tensões e rupturas, a continuidade de seus processos peculiares de aprendizagem e desenvolvimento”.



Segundo a BNCC (2017), **é crucial considerar medidas que garantam uma transição contínua de aprendizado entre as fases do ensino fundamental, visando a uma integração efetiva nesta etapa.** Essa transição envolve mudanças pedagógicas na estrutura educacional, principalmente, devido à diferenciação dos componentes curriculares, além dos aspectos relacionados à aprendizagem e ao desenvolvimento dos(as) alunos(as).

O Parecer do Conselho Nacional de Educação CNE/CEB nº 11/2010 indica que, ao mudarem do(a) professor(a) generalista dos anos iniciais para os(as) professores(as) especialistas dos diferentes componentes curriculares, os(as) alunos(as) costumam se ressentir diante das muitas exigências que têm de atender, feitas pelo grande número de docentes dos anos finais (BRASIL, 2010). Nesse sentido, há de se cuidar da transição do ensino fundamental I para o ensino fundamental II, quando o(a) estudante passa a ter uma quantidade maior de docentes conduzindo diferentes componentes curriculares e atividades, tornando mais complexa a sistemática dos estudos.

Portanto, há necessidade de promover ajustes essenciais e conexões, tanto no 5º ano quanto no 6º ano, a fim de apoiar os(as) alunos(as) durante essa transição, para não haver interrupções no processo de aprendizagem, proporcionando-lhes melhores chances de sucesso nessa nova etapa de ensino.

Assim, é importante ressaltar que os(as) estudantes, dos anos iniciais, estão familiarizados(as) com uma organização escolar distinta dos anos finais, por exemplo, a distribuição de aulas entre os componentes curriculares e o número de professores(as) é diferente. Nos anos iniciais, os(as) estudantes têm uma abordagem pelo(a) professor(a) de atividades que é o principal ponto de referência. Por outro lado, nos anos finais, observa-se um

contexto com vários(as) professores(as), com a implementação de diversas metodologias por diferentes docentes, além da utilização de instrumentos variados.

Faz-se ainda necessário ressaltar que, o(a) estudante na passagem dos anos iniciais para os anos finais do ensino fundamental encontra-se em um momento de transição do seu desenvolvimento entre a infância e a adolescência, ocorrendo mudanças biológicas, cognitivas, emocionais e sociais. Portanto, tais mudanças, tanto dos sujeitos quanto da rotina escolar, apresentam-se como um grande desafio aos(as) estudantes, podendo afetar seu desempenho escolar em diversos aspectos e, por isso, é preciso que todos os envolvidos nessa transição atuem em ações coordenadas e comprometidas com o processo educacional. A fim de gerir tais aspectos é preciso que a equipe técnico-pedagógica e os(as) docentes levem em consideração alguns pontos:

01

Autonomia

Zelar para que o(a) aluno(a) do 5º ano desenvolva autonomia no decorrer do ano letivo, atentando-se para aspectos como: organização dos materiais escolares, gestão do tempo de aula, bem como autonomia na leitura e escrita.

02

Reunião de pais

Convidar os pais e/ou responsáveis dos(as) estudantes do 6º ano para uma reunião mostrando as implicações dessas mudanças, nessa fase, a fim de que conheçam os(as) professores(as) e recebam orientações sobre a nova rotina

03

Apresentar os(as) futuros(as) professores(as)

Apresentar os(as) futuros(as) professores(as) e deixar que expliquem sobre seu componente curricular e as formas de avaliação para os(as) alunos(as) do 6º ano.



04

Diálogo

Quando possível (no caso de escolas com várias turmas e mais de um(a) professor(a), escolher para atuação nos 6º anos, docentes abertos(as) ao diálogo e dispostos a reconhecer as questões pedagógicas e sociais dessa transição.

05

Momentos

Promover momentos com outras instituições que corroboram o momento de transição dos(as) alunos(as) como: profissionais ligados(as) ao desenvolvimento infantil.

06

Expectativas

Proporcionar um encontro, no início do ano letivo, entre docentes dos anos iniciais e finais para um diálogo diante das expectativas e vivências dos(as) alunos(as) neste momento de transição.

07

Relatórios

Quando possível, viabilizar o compartilhamento de relatórios de desenvolvimento individuais e/ou de turmas do 5º ano aos(as) professores(as) do 6º ano.

08

Outras estratégias

Viabilizar ações e estratégias pedagógicas, além das citadas, que possam ser consideradas necessárias e efetivas para a gestão da etapa de transição.

Fonte: DEFEM. 2024.

Assim sendo, o ensino fundamental II apresenta novos desafios ao(à) estudante, e, portanto, é preciso refletir de maneira ampla sobre as estratégias de ensino e aprendizagem adotadas durante o período de transição. Logo, tais orientações visam a encontrar maneiras de

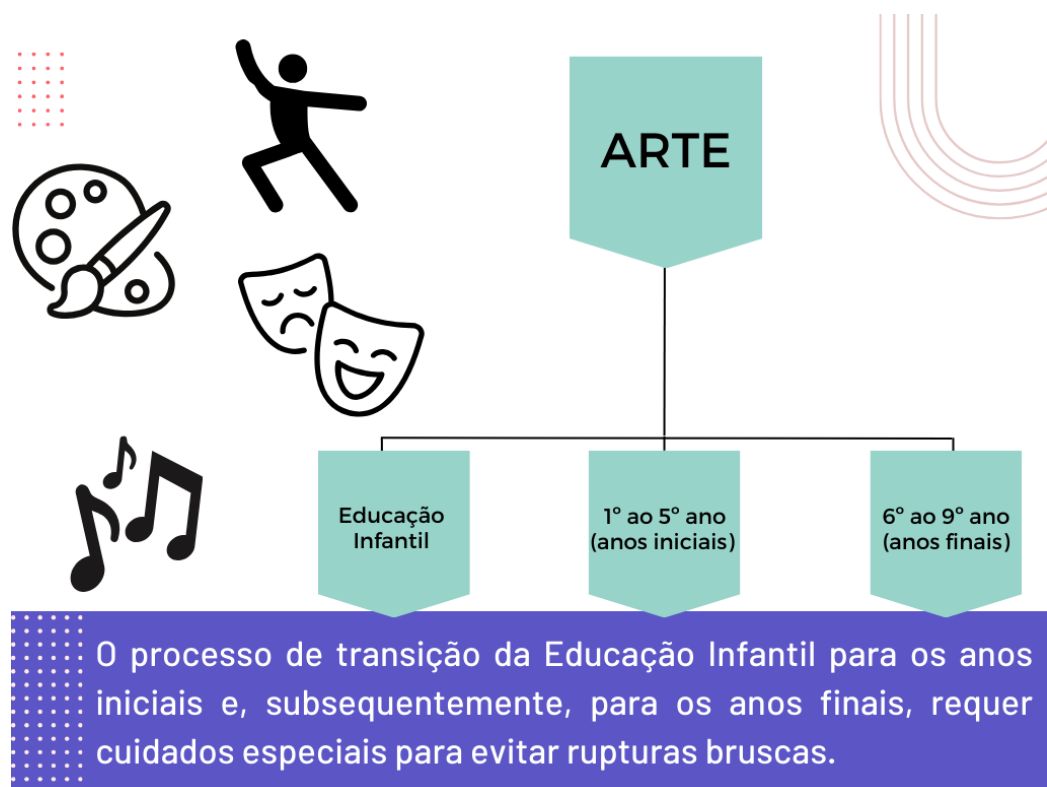
gerir os efeitos causados pela descontinuidade brusca de abordagens de ensino na transição dos anos iniciais para os anos finais, que acabam comprometendo o processo de aprendizagem dos(as) alunos(as), resultando em dificuldades no processo de adaptação e influenciando nos índices de reprovação ou evasão escolar.

O PROCESSO DE TRANSIÇÃO DO FUNDAMENTAL I PARA O FUNDAMENTAL II EM ARTE

O Referencial Curricular de Arte preconiza que o desenvolvimento artístico seja assegurado como um processo contínuo, com abordagens metodológicas que ampliem o olhar artístico de cada estudante, visando as aprendizagens, o desenvolvimento da autonomia e do protagonismo dos estudantes.

Por meio da Arte, o estudante encontra espaço para desenvolver sua singularidade, engajando-se em uma investigação que o incita à reflexão, análise crítica, experimentação, comparação, exercício da imaginação e criação de soluções. Além disso, esse processo estimula a curiosidade, a formulação de hipóteses, o aprimoramento do pensamento artístico, a criatividade, a percepção, entre outras habilidades. Por isso, o ensino de Arte no Ensino Fundamental contribui para a humanização dos sentidos e implica a construção contínua dos conhecimentos artísticos.

Na fase de transição da Educação Infantil para os Anos Iniciais, a manutenção da ludicidade revela-se um componente de extrema importância, especialmente devido ao seu papel significativo no contexto das linguagens artísticas. A abordagem lúdica não apenas atua como um elemento facilitador na assimilação dos objetos de conhecimento, mas também estimula o interesse e o entusiasmo dos estudantes pelo processo de ensino e aprendizagem em Arte. Ademais, ao incorporar atividades lúdicas, como jogos e brincadeiras nas práticas artístico-pedagógicas, a transição torna-se gradual e mais alinhada às características inerentes ao desenvolvimento cognitivo e emocional dos estudantes.



Fonte: DEFEM. 2024.

A Arte para os Anos Finais (6º ao 9º ano) é compreendida como um conhecimento sensível-cognitivo, capaz de possibilitar a apropriação da linguagem e estimular modos de criação em relação ao mundo da natureza e da cultura. Durante a transição dos Anos Iniciais para os Anos Finais do Ensino Fundamental, considerando a abrangência da área, o principal objetivo é aprofundar de maneira sistematizada e contínua o conhecimento previamente construído. Isso visa evitar que, nesse momento crucial da vida escolar, o estudante sinta uma cisão entre essas etapas.

É importante salientar que o docente abordará cada habilidade de maneira gradual, ajustando-se aos conhecimentos específicos de cada ano e respeitando o nível de complexidade adequado para o período letivo. Embora as habilidades do 6º ao 9º ano sejam as mesmas, a abordagem do docente, o grau de complexidade e os conhecimentos específicos devem estar alinhados com o ano em curso.

NECESSIDADES ESPECÍFICAS DO ENSINO E APRENDIZAGEM EM ARTE

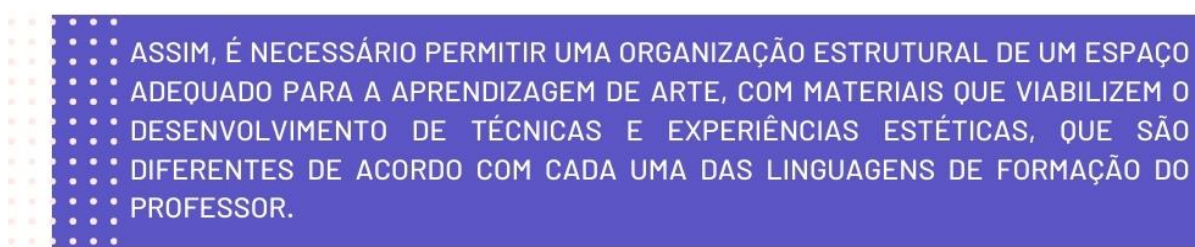
Para uma apreensão adequada dos conhecimentos artísticos, é fundamental compreender que, no processo de ensino e aprendizagem da área, surgem algumas necessidades

que podem parecer como algo fora da “rotina”, porém são necessidades intrínsecas ao processo de aprendizagem artística.

Decorre daí a importância da abordagem de algumas necessidades materiais e espaciais específicas do desenvolvimento de conhecimento em Arte, que são imprescindíveis para o desenvolvimento do componente.

Logo, a escola deve ser um espaço de ensino e aprendizagem criativo e sempre em movimento, com um ambiente que promova um conhecimento amplo e organicamente integrado à vida, fazendo com que as experiências estéticas e artísticas sejam pertinentes e fundamentais aos estudantes.

O espaço e os materiais, são elementos que devem viabilizar e possibilitar a formação em Arte dos estudantes. Por isso, compreende-se que a sala de aula de Arte, ao constituir-se como um espaço dinâmico e de possíveis interações entre os estudantes e os conhecimentos, é um lugar cujos objetos de ensino e materiais são (e devem ser) diversificados, possibilitando o refinamento dos sentidos, conhecimentos e processos de ensino e aprendizagem.



ASSIM, É NECESSÁRIO PERMITIR UMA ORGANIZAÇÃO ESTRUTURAL DE UM ESPAÇO ADEQUADO PARA A APRENDIZAGEM DE ARTE, COM MATERIAIS QUE VIABILIZEM O DESENVOLVIMENTO DE TÉCNICAS E EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS, QUE SÃO DIFERENTES DE ACORDO COM CADA UMA DAS LINGUAGENS DE FORMAÇÃO DO PROFESSOR.

Necessita-se de sala adequada, com ventilação e materiais (convencionais e não convencionais) para as Artes Visuais. São necessários espaços com acústica adequada, já que experiências musicais e sonoras são básicas na aprendizagem da Música. Faz-se necessário espaços para práticas de expressões corporais, de composição coreográfica e cênica, objetos, figurinos e palcos para os trabalhos de Teatro ou Dança. Tais exemplificações não devem ser entendidas como “luxos”, mas como necessidades básicas para formação e apreensão dos conhecimentos em arte.

Contudo, diante da realidade, é notório que o ambiente físico escolar nem sempre é adequado para o desenvolvimento das especificidades das linguagens artísticas e nem sempre podem ser contempladas nas dinâmicas e na organização dos tempos e dos espaços escolares.

ASSIM, É IMPRESCINDÍVEL COMPREENDER QUE O PROFESSOR DE ARTE TENHA AUTONOMIA PARA LIDAR COM A FALTA DESSES ESPAÇOS, COMO BUSCAR LIBERAR O ESPAÇO PARA A PRÁTICA ARTÍSTICA, AFASTANDO AS CARTEIRAS DA SALA. COMPREENDER TAMBÉM, QUE DURANTE A AULA DE ARTE, SERÃO PRODUZIDOS SONS, RUÍDOS, MÚSICAS, MOVIMENTOS, PINTURAS, RODAS, DANÇAS, CENAS, DE MODO QUE OS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM ADEQUADO EM ARTE NÃO SE LIMITEM A CONCEITOS DE “ORGANIZAÇÃO” OU “COMPORTAMENTO” PADRÃO, SINÔNIMOS DE ALUNOS CONTIDOS E SILENCIADOS EM SUAS CARTEIRAS.

As aulas de Arte podem e devem ser desenvolvidas dentro das salas de aula e em espaços alternativos da escola, caso não haja espaços adequados. É importante ressaltar que essas dinâmicas e condições devem sempre estar previstas e suportadas por um plano de ensino adequadamente estruturado e em condições de desenvolvimento por parte do docente de Arte, que entende o campo espacial como elemento base para o processo de ensino e aprendizagem.

EM CASO DE DÚVIDAS OU FEEDBACK, A EQUIPE DE ARTE ESTÁ DISPONÍVEL NA DIVISÃO DO ENSINO FUNDAMENTA E MÉDIO.

E-MAIL – artessemed@gmail.com

TELEFONE – 2020-3844

REFERÊNCIAS E SUGESTÕES DE LEITURA

ANGELO, Jamisson da Silva. O processo de transição dos anos iniciais para os anos finais no ensino fundamental **Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura**. Volume 21, n.1 – setembro de 2021.

BÔAS, Márcia Martins Villas. **A relação afetiva entre professores e alunos na transição dos anos iniciais para os anos finais do ensino fundamental**. 2014. 89 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

BOUGHTON, D. **Avaliação: da teoria à prática**. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). *Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez, 2005.

CABRAL, Beatriz Ângela Viera. **Drama como método de ensino**. São Paulo: Hucitec, 2006.

CAMPO GRANDE. Secretaria Municipal de Educação. Referencial Curricular da Rede Municipal de Ensino do 1º ao 9º, 2020.

CONTIERO, Lucinéia; SANTOS, Fernando Freitas dos; FERNANDES, Matheus Vinícius de S. **Pedagogia do teatro: prática, teoria e trajetórias de formação docente**. – Natal, RN: EDUFRN, 2018.

CUNHA, S. R. V. da. **As artes no universo infantil**. Mediação, 2012. DONDIS, Donis A. *Sintaxe da Linguagem Visual*. São Paulo: Martins. Fontes, 1994.

DESGRANDES, Flávio. **Pedagogia do teatro: provocação e dialogismo**. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 2011.

FERRAZ, Maria Heloisa C. de T.; FUSARI, Maria Felisminda de R. e. **Arte na Educação Escolar**. São Paulo: Cortez, 2010.

FLORENTINO, Adilson; TELLES, Narciso (Orgs.). **Cartografias do Ensino do Teatro**. Uberlândia: EDUFU, 2009.

MATEIRO, Tereza; ILARI, Beatriz (org). **Pedagogias em educação musical** [livro eletrônico]. – Curitiba: InterSaber, 2012. – (Série Educação Musical).

MEIRA, M. R. **A educação estética, arte e cultura do cotidiano**. In: PILLAR, Analice Dutra. A educação do olhar no ensino das artes. 4. ed. Porto Alegre: Mediações, 2006.

NOBREGA, Terezinha Petrucia da. **Qual o lugar do corpo na educação? notas sobre conhecimento, processos cognitivos e currículo**. In. Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 91, p. 599-615, Maio/Ago. 2005.

OSTETTO, L. E. **Educação infantil e arte: sentidos e práticas possíveis**. Objetos Educacionais Unesp, São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.acervodigital.unesp.br/handle/123456789/320>.

PIMENTEL, L. G. **Tecnologias contemporâneas e o ensino da Arte**. In: BARBOSA, A. M. (org). Inquietações e mudanças no ensino da Arte. São Paulo: Cortez, 2007. Cap. 10. p. 113-121.

PROENÇA, Graça. **História da Arte**. São Paulo: Editora Ática, 2021.

PUPO, Maria Lúcia de Barros. **Dentro ou fora da escola?** In: Urdimento Revista de Estudos em Artes Cênicas da Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, v. 1, n.10, dez. 2008.

PUPO, Maria Lúcia de Barros. **Para desembaraçar os fios**. In: Educação e Realidade. Dossiê Arte e Educação. Porto Alegre, v.30, n.2, p.217-228, jul./dez. 2005.

SOARES, Carmela. **Pedagogia do jogo teatral: uma poética do efêmero**. São Paulo: Hucitec, 2010.

SOARES, Carmen Lúcia. **Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas**. In: SOARES, Carmen Lúcia (Org.). Corpo e História. 3 ed. Campinas: Autores Associados, 2006, p. 109-130.

SEKEFF, Maria de Lourdes. **Da música, seus usos e recursos**. 2.ed. São Paulo: Editora Unesp, 2007. 190 p.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.